

MONÓLOGO A DUAS VOZES

ANTÓNIO FERREIRA

(Emília das Neves entra no camarim, delimitado por um cortinado de gaze, afagando a cabeça de Boris, criado negro de doze anos, que escreve penosamente algo num papel com uma pena de pato. Lê):

"Todos os versos leu da estátua equestre

E todos os famosos entremezes

Que no Arsenal ao vago caminhante

se vendem a cavalo num barbante."

Foste tu que copiaste esta quadra? Pois quem havia de ser? Vejo que o Frei Bento te dá umas luzes de caligrafia, o resto vive na tua cabeça.

(senta-se) Também eu os vejo, meu caro Boris, também eu os vejo que regressam a cada Primavera como as andorinhas aos beirais. Aos cegos que vendem folhetos impressos com manchas ruins de tinta e ideias mais ruins ainda.

Mas, que importa, se é Primavera? Se vejo as gelosias abertas que dão para as oficinas das modistas de chapéus que entrançam palha, procurando um pouco de luz? Logo será Verão e hei-de sair num barco com o círio da Senhora da Atalaia, hão-de chegar as noites redondas, atravessadas por estrelas cadentes. E um céu lavado de azul que nos alegra o coração e acorda em nós um sorriso imenso, da cor dos dias felizes.

Aos domingos, ouve-se tocar em unísono os sinos das igrejas, é um som que me embala desde criança. Não sei dizer ao certo se tive meninice. Trabalho sim, em casa e, com este dom que Deus me deu, no teatro, primeiro a dançar e depois em papéis pequenos, era ainda mais nova do que tu. O dinheiro fazia falta em casa, o teatro foi a minha boneca de trapos.

Aprendi à minha custa, abrindo os olhos, quando me apetecia dormir. Às vezes fazia-o, em cima da roupa, do cordame, dos cenários enrolados, onde calhava. Um dia, o contra-regra acordou-me com um balde de água fria, que no teatro não se dormia, estava-se sempre desperto, como num templo. As palavras não foram vãs, mas o sono podia mais que eu.

Mas aprendi, ao lado dos mais velhos, estudando-os, copiando-lhes os gestos, como num jogo. Com eles aprendi a cair bem em palco, nos lances dramáticos, como pode cair uma trave, a saber gesticular, indicando o soalho se se fala no demónio ou apontando as bambolinas quando se fala do firmamento ou de Deus.

Noutro dia vi num jardim um grupo de homens maduros que jogavam cartas, aceitando entre eles um jovem que os imitava, na postura do corpo, no modo tranquilo de estar, no ar sereno com que estudava as cartas. Foi assim que comecei eu própria, dando-me ares do que não era ainda.

Tenho pena de não ter frequentado o Conservatório. Lembro-me de ter dito um dia, com uma certa tristeza, à mãe duma actriz mais jovem,